

Primeiras psicanalistas

Renata Udler Cromberg

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora em Psicologia Social pelo IPUSP, formada em Psicologia e Filosofia, professora convidada do Curso de especialização da Teoria Psicanalítica da PUC-SP e do Curso de Especialização Psicopatologia e Saúde Mental da Faculdade de Saúde Pública da USP, autora de artigos e ensaios e dos livros *Paranoia e cena incestuosa*, da Coleção Clínica Psicanalítica (Ed. Casa do Psicólogo).

Resumo A maioria das psicanalistas que pertenceram à primeira geração de psicanalistas – aquela que é anterior à institucionalização centralizada da IPA, em 1925, portanto, num momento instituinte do movimento psicanalítico – foram esquecidas e re-encontradas em seu pioneirismo e importância de sua obra ou prática apenas cinquenta anos depois, a partir dos anos 70 do século XX.

Palavras-chave psicanalistas pioneiras; movimento psicanalítico; psicanálise de crianças; pulsão de morte; esquizofrenia; maternidade.

Primeiras psicanalistas...

Ser primeira alude a uma referência, a um marco temporal. Aqui certamente é o início do movimento psicanalítico, aquele momento em que Freud sai do esplêndido isolamento de sua fase de criação e explicitação teórica da compreensão psicanalítica da constituição do psiquismo e de sua amizade conceitual e analítica com William Fliess e cria a Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, em 1902, frequentada inicialmente por Stekel, Federn, Graff e Reitler. Em 1908, durante o Congresso de Salzburgo, que viria a ser considerado retroativamente o Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, esta primeira sociedade reunida em torno deste primeiro criador – onde todos tinham que falar, onde os temas de discussão eram sorteados na hora, onde não se podia levar nenhum escrito – tornou-se Sociedade Psicanalítica de Viena, sujeita à institucionalização de normas, regularidades e hierarquias. Vinte e dois membros pertenciam a ela. Nenhuma mulher. Entre 1902 e 1906, Freud analisou aqueles que foram os primeiros psicanalistas depois dele, Paul Federn e Isidor Sadger.

Não nos esqueçamos de que muito pouco a respeito da técnica psicanalítica estava publicado. Freud hesitava publicar textos técnicos porque pensava que dificilmente alguém poderia realizar um tratamento sem tê-lo experimentado com ele. Mas não foi assim que as coisas se passaram. Em Zurique, entusiasmado com a potência do método psicanalítico para o tratamento



em 1904, iniciou-se a primeira análise conduzida por Jung em Burghölzli, a primeira fora de Viena. A paciente era Sabina Spielrein

da histeria e para a investigação das psicoses, Eugene Bleuler, diretor da Clínica do Hospital Burghölzli, ligada à Universidade de Zurique, autorizou a realização do primeiro tratamento psicanalítico conduzido fora de Viena, pelo Dr. Carl Gustav Jung. Ambos estavam entusiasmados com os achados de Freud que coincidiam com algumas conclusões sobre o funcionamento do psiquismo a que eles próprios haviam chegado, na realização e aprimoramento dos chamados testes de associação psíquica. Ambos, também, sentiam-se suficientemente preparados pela leitura de “O método psicanalítico de Freud”¹, excelente artigo publicado numa coletânea de Loewenfeld, de maneira apócrifa, mas que seguramente foi escrito por Freud. Em 1904, iniciou-se a primeira análise conduzida por Jung em Burghölzli, a primeira fora de Viena. A paciente era Sabina Spielrein. Em 1904, Freud, inquieto com o que soubera dos rumos da primeira parte desta análise, publicou seu segundo artigo sobre o método e a técnica psicanalíticos, “Sobre psicoterapia”². Em 1905, com a publicação do “Caso Dora”³, novas diretrizes técnicas e o conceito de transferência vêm a público. Em 1906, este tratamento, já terminado, mas não assumido assim por Jung, viria a ser a razão do início da correspondência tão rica, de 357 cartas, entre Freud e Jung.

Em 1910, esta primeira associação de psicanalistas até então tornou-se a International Psychoanalytical Vereinigung, primeiro órgão mundial da psicanálise, que em 1936 iria se tornar a International Psychoanalytical Association, cuja formalização centralizadora e reguladora se daria em 1925. A Sociedade Psicanalítica de Viena foi recomposta e, junto com núcleos de outros países, passou a pertencer à IPA, embora com destaque pela presença e importância de Freud que, entre

1910 e 1913, passaria a não mais delegar os cargos diretores das instituições e de suas publicações e a ocupar o lugar de mestre timoneiro e pai da psicanálise, criando um Comitê Secreto para apoiá-lo na preservação da ortodoxia da psicanálise após a era das rupturas com Adler, Stekel e Jung⁴.

Entre 1910 e 1925, a IPA foi um organismo de coordenação de sociedades locais que exerciam plena autonomia quanto à formação de seus membros. Mas houve um apelo crescente à formalização das regras para a formação de psicanalistas, que foram instituídas em 1925, em especial a obrigatoriedade de análise do analista e do acompanhamento deste em supervisão por um colega. A proibição de analisar familiares, parentes, amigos e pessoas próximas foi também determinação que veio em consequência das análises com consequências às vezes desastrosas de filhos, sobrinhos, amantes, amigos, que aconteceram nesses ousados tempos do início, em que tudo estava sendo experimentado e descoberto e apenas os resultados poderiam guiar as limitações. Outras regras, como a proibição de homossexuais tornarem-se analistas e a quase proibição da entrada da Sociedade de Psicanálise de Moscou para a IPA por motivos ideológicos, devem-se à influência política excessiva e nefasta de Ernst Jones, em 1921, já que tiveram a discordância de Freud. Neste período instituinte da psicanálise enquanto campo de saber, estava em jogo a criação de critérios próprios de formação do psicanalista de forma a distingui-lo do religioso e também do médico e do psiquiatra. Ainda que Freud tenha se apoiado na psiquiatria para fazer alçar voo a compreensão psicanalítica do sofrimento humano, quando ela quis fazer-se condição do exercício da psicanálise, ele se opôs veementemente e tratou de enfatizar os critérios específicos da formação do psicanalista como os únicos que dariam legitimidade ao exercício de seu ofício. “A questão da análise leiga”⁵, de 1926, é o ensaio manifesto de Freud, nesse sentido, como “O futuro de uma ilusão”⁶ o é em relação à diferenciação entre psicanálise e religião.

É indubitável que a ideia de psicanalistas pioneiras remete a reconhecimento e pertencimento

institucional. É por isso que apresento as psicanalistas pioneiras na ordem em que passaram a pertencer ao movimento psicanalítico institucionalizado. E aí temos uma primeira curiosidade. *A maioria das psicanalistas que pertenceram à primeira geração de psicanalistas* – aquela que é anterior à institucionalização centralizada em 1925 da Associação Psicanalítica Internacional, portanto, num momento instituinte do movimento psicanalítico – *foram esquecidas e reencontradas em seu pioneirismo e importância de sua obra ou prática apenas cinquenta anos depois*, a partir dos anos 70 do século xx. Esse reencontro foi não apenas obra do acaso, mas também de um novo espírito trazido por uma nova historiografia psicanalítica que pode surgir desligada da versão oficial da IPA, baseada sempre no trabalho biográfico pioneiro de Ernst Jones⁷. Por sua vez, esta nova historiografia pôde surgir pelo rearranjo do movimento psicanalítico que, com o passar dos anos, fez emergir outras visões que foram aos poucos pulverizando a exclusividade da IPA como porta-voz do movimento psicanalítico. O passado revisitado pode trazer à tona a originalidade e riqueza de obras dos contemporâneos de Freud, homens e mulheres.

Essas primeiras psicanalistas são Margarethe Hilferding, Sabina Spielrein, Hermine Hug-Hellmuth, Eugenia Sokolnicka, Tatiana Rosenthal, Vera Schmidt e Sophie Morgenstern. Apenas Lou Andreas-Salomé não foi esquecida,

- 1 S. Freud (1904), El método psicoanalítico de Freud.
- 2 S. Freud (1904), Sobre psicoterapia.
- 3 S. Freud (1905), Analisis fragmentario de una histeria (“Caso Dora”).
- 4 Os membros dele receberam um anel de Freud e a única mulher que foi convidada por ele a participar foi Lou Andréas-Salomé, em 1922, tendo recebido um anel de Freud, como os demais participantes já o haviam recebido. Ver M. Chinali, “O comitê secreto e a política da psicanálise no início do século xx”.
- 5 S. Freud, Analisis profano (Psicanálisis y medicina).
- 6 S. Freud, El porvenir de una ilusión.
- 7 E. Jones, *Vida e obra de Sigmund Freud*.
- 8 Esta concepção se fez a partir do pensamento de Michel Foucault (arqueologia do saber), Walter Benjamin (ruína), Nelson da Silva Júnior (a posteriori, a partir de Freud), Renato Mezan (história da psicanálise) e Freud (a verdade surge na abertura permanente, em construções narrativas).

»

a maioria das psicanalistas que pertenceram à primeira geração foram esquecidas e reencontradas apenas cinquenta anos depois

por razões singulares, mas sua entrada formal no movimento psicanalítico deu-se apenas em 1922, o que a coloca no campo das psicanalistas que nunca desapareceram da história da psicanálise. Essas *outras* psicanalistas passaram a pertencer ao movimento psicanalítico já instituído, a partir dos anos 20 do século xx, e não apenas tiveram sua importância reconhecida como assumiram papel protagonista na sua história. São elas Melanie Klein, Anna Freud, Karen Horney, Helen Deutsch, Joan Rivière, Jeanne Lampl-de Groot e Ruth Mackbrunsvik.

Uma concepção de história

Evidentemente a lista de primeiras psicanalistas pode ser aumentada a qualquer momento pela investigação histórica psicanalítica. Novos nomes esquecidos podem surgir. Na concepção geológica da história que tenho, passado e presente se ligam. Um interesse ou configuração do presente pode se unir a algum documento que, como ruína, se constitui num achado arqueológico que, por sua vez, constitui um campo de escavação onde surgem novas camadas de épocas passadas que transtornam as relações históricas habitualmente estabelecidas em compreensões únicas e hegemônicas, criando novas ligações. Esta concepção pensa na pulsação do magma pulsional singular e coletivo que faz irromper novas configurações de desejo, por sua vez ressignificando, *a posteriori*, fragmentos, novos documentos ou materiais teóricos e conceituais já existentes, em novas relações de compreensão cada vez mais múltiplas, complexas, inclusivas e abertas, propiciando vários eixos organizadores⁸.



*enquanto personagens conceituais,
elas se juntam aos psicanalistas
homens no trabalho sempre em
processo da criação psicanalítica*

O próprio eixo deste trabalho, a apresentação das primeiras psicanalistas na história da psicanálise, só suscita interesse pela presença crescente de mulheres psicanalistas no mundo psicanalítico de hoje, bem como em todos os ofícios humanos, ao menos no mundo dito ocidental e em parte do mundo oriental.

Não será nossa preocupação e nosso foco apresentar as pioneiras no detalhe de sua produção conceitual escrita ou institucional. Apenas aspectos gerais e essenciais desta serão abordados. Isso não apenas por uma questão de espaço na publicação, mas porque outros eixos de análise teriam que ser considerados para análise da obra e não apenas o eixo deste artigo, o agrupamento dessas psicanalistas pelo fato de serem mulheres. Enquanto personagens conceituais da história da psicanálise, elas se juntam aos psicanalistas homens no trabalho sempre em processo da criação psicanalítica a partir da sua clínica e dos conceitos que gera para dar conta das mutações do sofrimento humano que esta vem trazendo há mais de um século.

Situação da cidadania feminina na Europa no início do séc. XX

Por incrível que pareça a nós hoje, foi apenas no século XIX que as mulheres deixaram de ser consideradas seres inferiores iguais aos animais, às crianças e aos índios e passaram a ser consideradas seres portadores de alma. No início do século XX, o voto político feminino não existia em quase toda a Europa. Na Áustria, a causa feminista em prol do sufrágio universal era ainda incipiente. Lei de 1867 proibia “pessoas de sexo

feminino, bem como estrangeiros e menores de participar de qualquer atividade política”⁹. A primeira República austríaca concede o direito de voto às mulheres só em 1919.

Do ponto de vista da educação, a presença feminina nas universidades só podia se dar em cursos específicos, na maioria delas em filosofia e medicina. Na década de 1880, não havia nenhuma mulher médica no império austro-húngaro; em 1890 o número de médicas na França era 95, proporção desprezível em relação ao total do país. Na mesma época, havia 258 médicas na Inglaterra e elas eram 5% do total de médicos dos EUA. A Universidade de Zurique foi uma das primeiras da Europa a legalizar o estudo para mulheres. Essa universidade foi criada em 1830, pelo movimento dos camponeses suíços que aspiravam à igualdade de direitos legais e políticos aos homens de cidade, os cidadãos. O princípio dos estudos universitários para mulheres na Suíça foi determinado em grande extensão pelas mulheres russas, iniciado pela aceitação, em 1865, de Nadesha Suslova, que se graduou em medicina, evento que causou sensação na imprensa russa. Em 1897, um ano antes de Margarethe Hilferding iniciar o curso de medicina, Gabriele Possaner-Ehrental, com 37 anos, torna-se “senhorita doutor” da Faculdade de Medicina de Viena, a primeira mulher médica da Áustria¹⁰.

Pioneiras esquecidas e reencontradas

O ano de trabalho entre 1910 e 1911 na nova Sociedade Psicanalítica de Viena foi monopolizado pelas divergências entre Freud e Adler e pelo início da consolidação da liderança política de Freud para que suas ideias sobre o que era ou não psicanálise prevalecessem. Discutiu-se, já com Adler, a questão do feminino e da castração, num clima ambivalente e, ao mesmo tempo, de intensa, rica e democrática troca intelectual, mas de excesso de medo de Freud das discordâncias, que não eram entendidas como ruptura, mas acabavam sendo colocadas por Freud assim.

As divergências de Freud com Stekel começaram a recrudescer ainda nesse ano de 1911. As suas divergências com Jung, com cuja cumplicidade ele contou no embate com Adler, também começaram a se manifestar durante a discussão da conferência de Sabina Spielrein *Da transformação*, quando Freud teria ocasião de manifestar suas reticências em relação à publicação da primeira parte do ensaio junguiano *Transformações e símbolos da libido*.

Foi nesse cenário de “guerra” que aconteceram as conferências na Sociedade Psicanalítica de Viena das duas primeiras e únicas psicanalistas mulheres até 1911: a de Margarethe Hilferding, *As bases do amor materno*, em 11 de janeiro de 1911 – entre as duas conferências de Adler que levariam à explicitação de discordâncias com Freud e à sua saída da Sociedade – e a de Sabina Spielrein, *Da transformação*, em 29 de novembro de 1911. Na verdade, Spielrein, por ser a segunda mulher, beneficiou-se de uma aceitação pacífica de seu nome, após a verdadeira batalha e as dificuldades encontradas pela Dra. Hilferding para ser aceita como membro na Sociedade Psicanalítica de Viena, proposta feita por Paul Federn, em 6 de abril de 1910, o que testemunhou o menosprezo e os preconceitos com que a sociedade da época estigmatizava a mulher.

A reunião em que o nome de Margarethe Hilferding foi proposto para ser membro da Sociedade Psicanalítica de Viena também foi a primeira a ser realizada logo após o Congresso de Nuremberg. Este formalizou a Sociedade Psicanalítica de Viena, criada em 1908. Ela constituiu-se para os pesquisadores voltados para a história do movimento psicanalítico em “um pilar dos mais importantes para compreender as dissensões, rupturas, e disputas de poder, nada originais, que desde então se registram com periodicidade muitas vezes previsível em quase todas as instituições psicanalíticas”¹¹. No dia da

9 H. Viana, “Sobre as bases do amor materno. Vida e obra de Margarethe Hilferding”, p. 72.

10 H. Viana, *op. cit.*, p. 32-33.

11 H. Viana, *op. cit.*, p. 60.

»
quando se passou para a discussão da aceitação de Hilferding, Isidor Sadger declarou que, em princípio, era contra a admissão de mulheres

proposta do nome de Hilferding, Freud propôs também o nome de Adler para a presidência da Sociedade, a despeito das divergências teóricas que já se manifestavam entre eles, conforme a resolução de institucionalização da sociedade tomada no Congresso, onde deveriam ser estabelecidas normas de funcionamento e de admissão de novos membros. Na reunião seguinte, há a reiteração por Federn de que fosse votada a admissão da dra. Margarethe Hilferding. Viana chama a atenção para a coincidência de ter sido justamente no dia em que foi proposto pela primeira vez o nome de uma mulher para se integrar a esse grupo até então só de homens dedicados ao estudo da psicanálise, que se iniciou a discussão sobre regras e padrões para organizar a nova sociedade e estabelecer mudança de local das reuniões, até então realizadas sempre na casa de Freud, e ter se desencadeado importante controvérsia quanto à aceitação ou não da presença feminina entre eles. Dois sérios problemas a enfrentar: abandonar a casa de Freud, o que significava perder o convívio íntimo que até então mantinham com a sacralidade de sua residência (e *Apfelstrudel* e café providenciados por Marta para depois da reunião) e superar os preconceitos e discriminações em relação à mulher.

Quando se passou para a discussão da aceitação de Hilferding para a sociedade, Isidor Sadger declarou que, em princípio, era contra a admissão de mulheres naquela sociedade. Não fica claro se havia uma recusa formal a admitir que mulheres pudessem ser psicanalistas ou apenas as mulheres de militância socialista reconhecida, como era o caso de Margarethe. Em todo caso, ele compartilhava com Wittels, outro participante das reuniões, arraigadas ideias antife-



em *Mulheres médicas*, Fritz Wittels considera que a verdadeira profissão das mulheres é atrair os homens

ministas. Logo após, Adler declarou-se a favor da admissão de mulheres médicas, bem como de mulheres seriamente interessadas no assunto e que desejassem colaborar com o grupo. Freud toma a palavra e afirma que tomaria como grosseira inconsistência, se, por princípio, as mulheres não tivessem nem mesmo a possibilidade de pertencerem ao grupo. Realiza-se então um escrutínio para saber se as mulheres seriam ou não aceitas entre eles. De quatorze votos, três votaram contra e onze a favor¹².

Na reunião seguinte, em 20 de abril de 1910, foi mais uma vez postergada a votação de Hilferding para a Sociedade. Adler, ao mesmo tempo que propõe o adiamento da votação, esclarece que os votos devem ser anônimos e que os ausentes podem votar, desde que declinem seu nome. Viana acha instigante que, ao mesmo tempo que o discurso de posse de Adler incitava a confiabilidade mútua entre os membros, ele solicitava que as opiniões na votação permanecessem no anonimato. Ela pergunta se isso se deu pelo medo de que o pronunciamento manifesto desencadeasse rupturas imediatas, por não se saber se as resistências seriam por Hilferding ser mulher, médica ou militante socialista, como o era o próprio Adler¹³.

Finalmente a reunião de 27 de abril de 1910 teve como primeiro item a votação para a qualidade de membros da Sociedade da Dra. Margarethe Hilferding e de Ludwig Jekels, médico polonês, amigo de Freud e introdutor da psicanálise na Polônia. Nessa reunião estavam presentes quatorze homens (Adler, Federn, Friedjung, Furtmuller, Hitschmann, Oppenheim, Rank, Reitler, Rie, Sadger, Steiner, Stekel, Tausk e Freud). Sadger pede como questão de ordem a leitura de uma carta assinada por Wittels da qual era portador,

pois ele, não podendo comparecer, desejava expressar por escrito sua opinião sobre a votação. Adler opõe-se à leitura da carta, mas é derrotado. Wittels, cujo voto foi computado no escrutínio final, era sobrinho de Sadger, médico e escritor de talento, colaborador de vários jornais vienenses da época. Suas opiniões sobre as mulheres traduziam de certa forma sua aversão aos movimentos feministas pela emancipação da mulher. Em 1907, publicou o livro *A necessidade sexual*, que suscitou muitas controvérsias. No mesmo ano, publicou, sob pseudônimo de Avicena, dois artigos, em uma famosa revista satírica da época, dirigida por Karl Krauss, o qual havia sido seu paciente: *Mulheres médicas* e *A grande cortesã*. Os dois ensaios foram amplamente discutidos entre os homens que se reuniam na casa de Freud.

Em *Mulheres médicas*, Wittels considera que a verdadeira profissão das mulheres é atrair os homens. Quando muito, por injunções sociais, a mulher pode ser professora. Entretanto, quando decide ser médica, o faz para seguir seu desejo de sobrepujar outras mulheres e disfarçadamente obter a oportunidade de visualizar os órgãos genitais masculinos. Ele escreve que a mulher que estuda medicina, quanto mais histérica for, melhor estudante será, pois a histérica desvia seu impulso sexual com relação a seu objetivo sexual. Ela pode ser tão imoral quanto gosta, sem precisar ficar envergonhada. Entre outras considerações, afirma que a mulher médica não pode se casar e ter vida familiar normal. Quando enunciou esses julgamentos, Hilferding já era médica, casada e mãe, e Spielrein, Rosenthal e Morgens-tern já faziam o curso de medicina em Zurique.

Para Wittels, enquanto a mulher é ainda estudante de medicina, ela não prejudica ninguém, salvo a ela mesma. Ao tornar-se médica, passa a representar perigo para as outras mulheres, pois as pacientes não confiam nela, as enfermeiras não gostam dela, e um homem doente jamais permitiria ser examinado por uma mulher, pois isso implicaria provocar seus pensamentos sexuais. Para demonstrar o absurdo de se permitir que as mulheres pudessem exercer medicina, Wittels dá dois

exemplos: a mulher médica especializada em psiquiatria e a mulher médica que trabalha nos serviços de saúde pública. Quanto à primeira, considera que, sendo ela mulher, não poderá jamais entender os segredos psicológicos do homem; quanto ao serviço de saúde pública, talvez viesse a ter alguma participação no futuro. A mulher médica não deve nunca se tornar superior hierárquica entre seus colegas homens, pois irá sempre abusar do poder. Muito frequentemente se utilizará da galanteria para obter favores especiais e injustificáveis, inclinando-se a tratar de suas pacientes como se fossem rivais. Os homens que se autodenominam feministas, mas que em realidade são mesmo, em geral, masoquistas, são os que aplaudem as mulheres que estudam medicina. A média dos estudantes normais considera que suas colegas estudantes de medicina nada mais são do que prostitutas. Wittels conclui suas ideias dizendo que a histeria se constitui no alicerce do desejo da mulher em estudar medicina, da mesma forma que é a histeria a base de suas lutas por obterem direitos iguais aos dos homens¹⁴.

Após a apresentação, as Minutas¹⁵ relatam uma exaltada discussão entre os presentes, deixando Wittels chocado e sentindo-se mal compreendido, pois desejara apenas apresentar uma visão do mundo que fizesse justiça às diferenças básicas existentes entre homens e mulheres, diferenças essas que ainda não eram suficientemente entendidas. Freud dirige-se a Wittels manifestando apreço por ele e considerando seu ensaio original, corajoso e engenhoso. Ele pondera, entretanto, que as mulheres, já tão sobrecarregadas com problemas culturais e especialmente com a reprodução, devem ser julgadas com tolerância e con-

»

*Freud pondera que as mulheres
devem ser julgadas com tolerância e
condescendência por terem se atrasado
em relação aos homens*

descendência por terem se atrasado em relação aos homens. Depois de acentuar a importância de entender os diversos aspectos da sublimação, Freud acrescenta que o desprezo e o ódio pelas mulheres passam inconscientemente pelo ódio e desprezo arcaicos pela própria mãe. E acrescenta, esclarecendo seu ponto de vista, que “a mulher nada ganha em estudar, pois, no conjunto, não melhorará por esse caminho, pois as mulheres não podem igualar-se aos homens na obtenção da sublimação da sexualidade”¹⁶. Federn considera um equívoco de Wittels considerar a sexualidade como único móvel do humano, já que a necessidade de trabalhar é uma das pulsões do ser humano que vem se desenvolvendo ao lado de transformações sociais. Ele tinha militância socialista reconhecida e sua mãe era militante ativa dos movimentos de emancipação feminina. Entretanto, concorda com ele de que não deveria ser permitido às mulheres manusear publicamente os órgãos genitais masculinos. Ainda assim, resume seu parecer dizendo que os argumentos e hipóteses de Wittels eram absolutamente distorcidos¹⁷.

Max Graf, o pai do “Pequeno Hans”, enfatiza que a desproporcionada emoção que tomou conta de Wittels durante a leitura de seu ensaio dever-se-ia, talvez, ao seu desgosto por verificar que há mulheres que desejam estudar em lugar de se manterem unicamente interessadas em relações sexuais. Ainda assim, pensa que, no que se refere em especial ao estudo da medicina, a mulher “nunca fará contribuições de importância igual à do homem, pois lhe falta influência pessoal, e poder de sugestão, que, juntamente com o conhecimento, são indispensáveis ao médico competente”¹⁸.

Hitschmann, sagaz e irônico, começa por dizer que as mulheres que estavam estudando medicina

12 H. Viana, *op. cit.*, p. 63.

13 H. Viana, *op. cit.*, p. 63-64.

14 H. Viana, *op. cit.*, p. 67-69.

15 Apud Viana, *op. cit.*, p. 67-69. As minutas são registros pormenorizados das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, realizados por Otto Rank, de 1906 a 1918. Foram preservadas por Freud e entregues a Federn, que por sua vez as entregou a Nurnberg, que as publicou a partir de 1962.

16 H. Viana, *op. cit.*, p. 67.

17 H. Viana, *op. cit.*, p. 68.

18 H. Viana, *op. cit.*, p. 68.



a Dra. Hilferding questiona a ideia firmemente arraigada na cultura ocidental patriarcal de um amor materno natural

eram pioneiras no setor e exatamente por isso mereciam consideração especial. Em relação à opinião de Wittels, segundo a qual as mulheres que fazem medicina rejeitam o sexo, mas objetivam seduzir os homens, Hitschmann replica considerar essa hipótese uma asneira em matéria de lógica, pois a repressão sexual, que parece tanto desgostar Wittels, é muito mais uma característica das moças bem-criadas (o que na época significava os três Ks: Kinder, Kuche, Kirche – ou os três Cs: crianças, cozinha, capela; fora disso, as mulheres eram consideradas loucas, degeneradas, homossexuais). Ele diz preferir a liberdade das estudantes de medicina à hipocrisia das virgens intocáveis.

Rank e Adler também criticaram as posições de Wittels. Apenas Rudolf Reitler fica inteiramente do lado de Wittels. Provavelmente foi dele a abstenção na votação de Margarethe Hilferding para a Sociedade. Os dois votos contrários à entrada dela provavelmente foram de Wittels e Sadger, mas doze votos dos quinze possíveis foram favoráveis à sua admissão.

A partir de 4 de maio, quando recebe as boas-vindas de Adler, ela passa a frequentar com assiduidade as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena. Participou de vinte e nove delas, opinando, debatendo e exercendo seu direito de voto nas decisões e regulamentações internas. Isso foi uma oportunidade especial, dada a situação do voto feminino na Europa na época, como foi dito anteriormente.

Margarethe Hilferding (1871-1942)

Esta médica, originária de uma família judia viense, já em novembro de 1910 intervém vigorosamente, por ocasião da conferência “Escolha

de uma profissão e neurose”, em que o autor, Wilhelm Stekel, aplicava a psicanálise de maneira selvagem e falava que os jornalistas adotavam esta profissão por paixão às prostitutas e os médicos por sadismo, voyerismo e exibicionismo. Sendo ao mesmo tempo médica e mulher de um brilhante jornalista e economista, refutou polidamente essas bobagens¹⁹.

Na reunião de 11 de janeiro de 1911, perante 17 homens psicanalistas, a Dra. Hilferding inicia sua conferência: *Sobre as bases do amor materno*. Nela, questiona a ideia firmemente arraigada na cultura ocidental patriarcal de um amor materno natural. A ausência de amor materno frequentemente se exprime pela recusa em amamentar a criança ou pela intenção de não ficar com ela. Mas ao se conseguir, por algum truque, colocar a criança no seio da mãe, muito frequentemente ela não quer mais se separar dela. Do ponto de vista da psicanálise, diz ela, é a interação física entre a mãe e o bebê que suscita o amor materno. Ela fala, então, de atos violentos e hostis das mães em relação aos filhos, o que demonstraria que não existe amor materno inato. Analisa o lugar de objeto sexual natural para a mãe durante o período que se segue ao parto, o que é o correlato das sensações sexuais do bebê em relação à mãe, bem como a mudança que a criança efetua na vida sexual da mãe. “Se nós supomos a existência do complexo de Édipo na criança, ele tem sua origem na excitação sexual provocada pela mãe, que supõe uma sensação igualmente erótica por parte da mãe. O período em que a criança representa um objeto erótico para a mãe coincide com a necessidade de cuidados por parte da criança. Após esse período, a criança deve ceder lugar ao marido ou eventualmente a outro filho”²⁰. Ela diz ser interessante examinar o papel do pai, em que condições ele se constitui como objeto sexual da criança (atitude homossexual), em que modalidades se produz o desligamento da criança do seu primeiro objeto sexual e de que maneira o período dessexualizado anterior à puberdade (certamente ela se refere ao período de latência) está vinculado ao desligamento da criança em relação à mãe.

Para Pinheiro²¹ há aí a tentativa de construção de uma metapsicologia da sexualidade da grávida do primeiro filho por meio não só da transformação real nesse corpo, mas também da sensação corporal ou excitação sexual, novas, desconhecidas até então, como fontes de prazer, sendo que essa sexualidade determinará o amor materno, que tem como suporte a relação sexual mãe-bebê. Sobre a questão da agressividade surgida pela separação, ela propõe que o impensável no sexo castrado da mulher é que ele implica a separação, contra a qual e pela qual o humano se funda. Mas será certamente na vivência da primeira gravidez que a mulher terá que se defrontar com o impensável da separação, através do próprio sexo. O que está em jogo é a própria estrutura psíquica da mulher que se torna mãe. Poderíamos dizer, o fato de a mulher ser desdobrável.

A maioria dos psicanalistas homens presentes não contestou a oradora e várias ideias complementares ao que ela disse surgiram, numa rica discussão, não apenas psicanalítica, mas antropológica, sobre o lugar do pai na amamentação, o erotismo do seio, a relação entre o amor de mãe e a relação desta como filha com seus pais, a permissão ou não do coito na época da amamentação. Apenas Sadger insiste em uma visão abertamente moralista do papel do erotismo do mamilo e do recalque deste. Para ele, o caráter erógeno específico do mamilo, a sensação diretamente sexual durante a amamentação é provavelmente o fundamento mais profundo do amor materno. No recalque, o caráter erógeno dessa zona pode provocar repulsa e nojo e, por isso, certas mulheres estão impossibilitadas de superar a sensação de aversão à ideia de amamentação dos filhos. Muitas mulheres, durante toda a vida, têm sensações erógenas nestas zonas e “fazem seus maridos chuparem os seus mamilos”²² (como se o prazer fosse só delas). A amamentação dá à mãe uma sensação de prazer

19 E. Roudinesco e M. Plon., *Dicionário de psicanálise*, p. 334.

20 M. Hilferding, *As bases do amor materno*, p. 120.

21 T. Pinheiro, Comentário sobre *As bases do amor materno*, in *As bases do amor materno*.

22 M. Hilferding, *op. cit.*, p. 90.

»
o que está em jogo é a própria estrutura psíquica da mulher que se torna mãe. Poderíamos dizer, o fato de a mulher ser desdobrável

até então desconhecida e perversa. Outras moções perversas não só são permitidas com o bebê, diz ele, como se revestem de uma espécie de auréola, desempenhando aí o erotismo anal um papel particular, o que induz a pensar num segundo grupo de mães, que amam com paixão o filho sem nunca o terem amamentado.

Freud faz, então, um longo comentário. Começa ressaltando o mérito da oradora de ter compreendido o estudo psicanalítico de um tema que está sustado de ser investigado pela nossa convenção e pelo fato de os esclarecimentos a que chegou serem os mais válidos, porque são originais e independentes, obtidos antes de ela se ocupar com a psicanálise. A sobredeterminação de vários aspectos é evidente na análise do fenômeno. Fala de um certo sentimento de decepção nas mães devido ao contraste entre a imaginação e a realidade e que se produz frequentemente quando um desejo por muito tempo alimentado é, enfim, realizado. Um grande número de sevícias praticadas em crianças pode ser explicado psicanaliticamente pelo fato impressionante de que os pais apresentam, em geral, como razão de elas acontecerem, os maus hábitos sexuais das crianças (masturbação, incontinência urinária noturna). Parece que a condição mais geral que determina o comportamento da mãe é o efeito principal que produz a visão da criança: o renascimento da sexualidade infantil da mãe, produzindo o conflito entre o desejo sexual despertado e o recalque sexual que se produz novamente, imposto e mantido com grande esforço. Os fatores sociais acrescentam fermento para que o impulso infanticida seja colocado em execução.

Alguns psicanalistas mostram-se extremamente ambivalentes com as descobertas feitas por



Sabina Spielrein havia conquistado um endereço no mundo intelectual e de trabalho maciçamente masculino e Freud pedia a ela que assumisse isso

Hilferding, reafirmando o amor materno inato e instintivo e que características fisiológicas em relação ao corpo (tamanho dos quadris e da vagina) interferem na quantidade de amor materno. O amor paterno, para eles, seria mais aparente nos homens que têm traços femininos e que se identificam facilmente com as mulheres. O ódio materno apareceria nas mulheres que têm características masculinas. E a tese que diz que o amor materno só aparece depois da amamentação seria válida para os animais e para as mulheres que têm um dom materno inferior. Os fenômenos do ódio materno estariam intrinsecamente ligados ao problema dos filhos desejados e indesejados. Tanto o ódio, como o amor materno, são de utilidade para a conservação da espécie. O amor materno é uma tendência de proteção tanto da situação da mãe, quanto da sobrevivência do filho, uma proteção contra as moções de hostilidade constantemente presentes.

A Dra. Hilferding observa em sua conclusão que foi mal compreendida, em certo sentido, pois a discussão ressaltou o componente psíquico do amor materno, que ela apenas esboçara, e não o componente fisiológico, que era o seu verdadeiro assunto.

Margarethe Hilferding acompanha Adler quando ele se retira do movimento psicanalítico. Cogita-se que por ser como seu marido, militante social-democrata, da mesma forma que Adler. Foi deportada para o campo de concentração Theresienstadt e exterminada em Maly Trostinec. Seu marido morre em Auschwitz.

Sabina Spielrein (1885-1942)²³

Em 9 de fevereiro de 1923, Freud escreve sua última carta a Sabina Spielrein:

Querida senhora: Eu recebi sua carta e acho que a senhora tem razão. Sua intenção de ir à Rússia me parece melhor do que meu conselho de que vá a Berlim²⁴. Em Moscou a senhora poderá fazer um bom trabalho com Wulff e Ermakov²⁵. E finalmente a senhora estará em sua pátria. A época é dura para todos nós. Espero ter notícias suas, rapidamente, e lhe peço, insistentemente, que coloque seu endereço no topo de sua carta, o que muito poucas mulheres fazem. Cordialmente, seu Freud.²⁶

Poucas mulheres põem seu nome no cabeçalho de uma carta. Há aí uma mensagem de Freud do reconhecimento de que Sabina Spielrein, como mulher, havia conquistado um endereço no mundo intelectual e de trabalho maciçamente masculino e ele pedia a ela que assumisse isso. De fato, todos os textos de Spielrein foram muito bem recebidos por Freud e publicados nas pioneiras revistas de psicanálise quase imediatamente após sua escritura. No entanto, ao emigrar de volta à Rússia, no outono de 1923, Sabina Spielrein desaparece como personagem da história da psicanálise, apesar da importância de sua ajuda para a entrada da psicologia russa no século xx. Uma das forças que contribuiu para o esquecimento dela foi, sem dúvida, a política preconizada por Ernest Jones para a psicanálise na Rússia e sua filiação à IPA, os ecos do caso amoroso com Jung, numa época em que estava se instituindo a proibição de relações sexuais entre paciente e analista, e o fato de que, segundo alguns de seus estudos, Ernest Jones, que viria a ter papel central no movimento político psicanalítico, não gostava dela, pelo seu excesso de independência.

Esta carta de Freud foi uma das inúmeras cartas da correspondência de Sabina Spielrein, encontradas juntamente com seus diários em uma caixa nos porões da Faculdade de Psicologia da Universidade de Genebra, que foram publicadas por Aldo Carotenutto e se tornaram marco inicial, verdadeiro achado arqueológico, que permitiu a redescoberta da importância da vida e da obra de Sabina Spielrein para a história da psicanálise.

Sabina Spielrein nasceu em Rostov sobre o Don na Rússia. Aos dezoito anos, tratou-se

psicanaliticamente com Jung por dez meses, de agosto de 1904 a junho de 1905, no Instituto Burghölzli dirigido por Eugene Bleuler. Ela foi internada com o diagnóstico de histeria, vinda da Rússia, para estudar. Depois de se tratar, assume seu desejo inicial de entrar na faculdade de Medicina, o que fez em 1905, por indicação de Bleuler. Em 1906, tornou-se um misto de paciente e amiga de Jung e, em 1908, sua amante até 1909/10, quando escreveu a Freud pedindo que interferisse em todo o *imbróglío* com Jung. Este informara Freud sobre esse caso, de 1906 a 1909, sem revelar o nome de Sabina Spielrein. Escreveu sobre sua paciente também, como exemplo da etiologia sexual das neuroses, na primeira vez que a psicanálise foi apresentada num congresso de psiquiatria e neurologia.

Spielrein finalizou a faculdade com a dissertação *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (dementia praecox)*, em 1911 – um dos primeiros usos públicos do termo cunhado por Bleuler, esquizofrenia – com a ajuda e incentivo deste e de Jung, e certamente a primeira tese universitária de psicanálise defendida por uma mulher. A tese teve proeminência suficiente para ser publicada na principal revista de psicanálise entre 1910 e 1913, o *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* (Anuário de investigações psicanalíticas e psicopatológicas). Bleuler a convidou para trabalhar como sua assistente em Burghölzli, embora ela já atendesse pacientes na instituição. Viajou nesse mesmo ano para Viena, após a abrupta interrupção de sua relação com

»
a tese de Sabina Spielrein
teve proeminência suficiente
para ser publicada na principal
revista de psicanálise

Jung, encontrou-se com Freud e participou das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em outubro, foi aceita como membro da Sociedade e, em novembro de 1911, como segunda psicanalista a ser admitida no círculo freudiano, apresentou parcialmente em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena o seu texto *A destruição como causa do devir*²⁷, que publicou em 1912.

Suas duas primeiras publicações se relacionam em seu pioneirismo e visionarismo. A primeira traz o relato detalhado da fala de uma paciente esquizofrênica tratada psicanaliticamente por ela, em Burghölzli, e da interpretação minuciosa de cada parte de seu discurso, na tentativa de traçar sua origem na repressão de ideias de conteúdo sexual de origem atual e infantil. Até então, a demência precoce só havia sido abordada num viés que levava em conta a psicanálise em três escritos, dois de Jung e um de Abraham. O próprio Bleuler só publicaria seu famoso livro *Manual das esquizofrenias* após o artigo de Spielrein. *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* é publicado no terceiro volume do *Jahrbuch*, juntamente com o *Caso Schreber* e os *Dois princípios do suceder psíquico* de Freud e com a primeira parte de *Transformações e símbolos da libido*, de Jung, onde ele também faz considerações teóricas a partir do estudo detalhado de um caso de esquizofrenia, bem como de um artigo de Bleuler. O que estava materializado nesta reunião de ensaios abordando as agora chamadas psicoses²⁸, esquizofrenia e paranoia, era a consolidação da progressiva implantação da psicanálise no coração da psiquiatria, que se deveu a Abraham, Bleuler, Jung e Spielrein. Esta implantação tirou a psiquiatria do niilismo terapêutico em que esta se encontrava, confinada às descrições

23 *O amor que ousa dizer seu nome – Sabina Spielrein, pioneira da psicanálise*, tese de doutorado de Renata Udler Cromberg, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, abril de 2008.

24 Freud encorajou-a a tentar Berlim, onde havia sido fundada uma nova clínica de psicanálise para crianças sob a direção de Karl Abraham.

25 Pioneiros do movimento psicanalítico russo.

26 M. Guibault; J. Nobécourt, *Sabina Spielrein entre Freud et Jung*, p. 325.

27 A reunião contou com a presença dos membros Dattner, Federn, Freud, Friedjung, Hirschmann, Nepalek, Rank, Reinhold, Reitler, Reik, Rosenstein, Sachs, Sadger, Spielrein, Steiner, Stekel, Tausk e mais dois convidados. Há um resumo da exposição e da discussão que se seguiu a ela. In *Les premiers psychanalystes*, p. 319-325.

28 Embora Freud, influenciado pela nosografia de Kraepelin, continue chamando as psicoses de parafrenias e só vá substituir a demência precoce por esquizofrenia em 1915, em seu texto *O inconsciente*.



a primeira contribuição sobre a psique de crianças na história psicanalítica, após o pequeno Hans de Freud e a pequena Anna de Jung, foi de Spielrein, em Contribuições ao conhecimento da psique infantil

classificatórias dos quadros clínicos que foram um passo decisivo, mas não suficiente para a abordagem clínica e terapêutica da loucura. Foi a partir da incorporação entusiasmada da psicanálise feita por Bleuler na primeira década do século xx, como diretor da clínica Burghölzli, que a psicanálise acrescentou à psiquiatria a compreensão dinâmica do paciente que, com o nome de bleulerismo, imperou até os anos 70 do século xx no campo da psiquiatria, quando então veio a perder progressivamente a hegemonia para a visão farmacológica, biológica e organicista, que surgiu com a descoberta dos primeiros medicamentos antipsicóticos nos anos 1950.

A segunda publicação, *A destruição como causa do devir*, de 1912, vem trazer um novo conceito, o de pulsão de destruição ou pulsão de morte. São as observações clínicas do sofrimento esquizofrênico e os problemas teóricos decorrentes da insuficiência da dualidade pulsional freudiana da época (pulsões de autoconservação versus pulsões sexuais) para dar conta deles que levam Spielrein a formular o conceito de pulsão de destruição. Tomando o paradigma da esquizofrenia e da neurose, ela vai examinar os fenômenos da arte e do amor e da criação narcisista que renuncia à sexualidade. Para ela o artista e o amante têm sucesso onde o esquizofrênico e o neurótico fracassam pelo excesso de fragmentação ou por excesso de rigidez do eu. A ousadia fundamental de Spielrein foi tornar a entrega amorosa sexual, especialmente a feminina, um problema teórico, de pensamento. No texto de 1912, *A destruição como causa do devir*, a tirania do Eu é ameaçada pelo amor, o que traz angústia sexual para

ambos os sexos. Spielrein considera a transformação como efeito de uma pulsão sexual ou da preservação da espécie às voltas com a destruição do antigo e com a construção do novo. Pulsão de destruição ou pulsão sexual de morte fundida à pulsão sexual de vida causando o movimento de devir. O efeito psíquico de aniquilamento das representações do Eu que a realização do ato sexual amoroso e desejado traz é tematizado por ela. O retorno fusional arcaico aparece como gerador de angústia, gerando sintomas como destino dela. Ela se remete ao feminino e ao gozo sexual.

Em 1912, retornou à sua cidade natal e se casou com Pawl Naumowitsch Scheftel. O casal foi morar em Berlim, em 1913, quando ela deu à luz sua filha Irma Renata. Ao deixar Viena, em direção a Munique, Freud pediu a ela que seus escritos fossem publicados com exclusividade nas revistas da Associação Psicanalítica. Na visão oficial da psicanálise, a filha de Freud, Anna Freud, ainda figura como a fundadora da psicanálise de crianças, Melanie Klein vem em seguida. Mas a primeira contribuição sobre a psique de crianças na história psicanalítica, após o pequeno Hans de Freud e a pequena Anna de Jung, foi de Spielrein, em *Contribuições ao conhecimento da psique infantil*, onde aparecem análises de seu próprio mundo fantasmático infantil, publicado no quarto número do *Zentralblatt*, em 1912. Apenas dez anos depois apareceu a primeira comunicação de Anna Freud, que se tornou membro da Sociedade Psicanalítica de Viena em 13 de junho de 1922, apenas uma semana antes de Lou Andreas-Salomé. E sete anos depois do texto de Spielrein houve a primeira comunicação de Klein. Nesse intervalo de tempo, foram publicados vinte e cinco artigos de Spielrein, dez deles sobre temas relacionados à análise de criança: sentimento de vergonha nas crianças, o Complexo de Édipo na infância, o tempo na vida psíquica subliminar, a simbologia animal e as fobias das crianças etc.

Em 1913, Freud queria que Sabina Spielrein fizesse análise com ele, em Viena, para pôr para fora seu ódio em relação a Jung, coisa que, segundo ele, ela não havia feito ainda. Mas, entre

1913 e 1918, ela decide se afastar da psicanálise, praticar cirurgia médica para sobreviver e estudar composição musical e dar aulas de música. Seu marido fora convocado como médico na frente de guerra da Rússia. Entre 1917 e 1919, retoma a correspondência com Jung, desenvolvendo longas discussões teóricas com este, pretendendo que Jung aceitasse o lugar primeiro de Freud para que suas novas ideias também pudessem ser aceitas no meio psicanalítico. Nesta correspondência vai se delineando a diferença entre as duas teorias e o pensamento singular de Spielrein entre elas. Ela encerra também ao que parece a sua transferência com Jung, ao obter dele uma reflexão sobre a importância do amor entre eles na vida e obra dele.

Depois, convocada por Freud, em 1919, fundou em Lausane o grupo de estudos psicanalíticos “Círculo Interno” e praticou psicanálise. Juntou-se a Piaget e Claparède em Genebra, por volta de 1920. Eduard Claparède, que havia fundado em 1912 o Instituto de Psicologia Experimental e de Investigação do Desenvolvimento Infantil Jean Jacques Rousseau, convidou-a a dar um curso e ser sua assistente. Também Jean Piaget em 1920, aos 23 anos, havia sido convidado por esse a participar do Instituto Rousseau e havia sido aceito pela Sociedade Suíça de Psicanálise. E em 1921, todos os dias durante oito meses, com exceção dos domingos, às oito horas da manhã ele tinha sua sessão de análise com Sabina Spielrein. Em 1920, ela compareceu ao VI Congresso Internacional de Psicanálise de Haia, onde apresentou um texto sobre a emergência e o desenvolvimento da linguagem nas crianças, que publicou em 1922 como *A gênese das palavras*

29 S. Spielrein (1922), “La genèse des mots enfantins Papa et Mama” (A origem das palavras infantis Papai e Mamã – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem). In M. Guibault e J. Nobécourt, *Entre Freud et Jung*. S. Spielrein (1922), “O tempo na vida subliminar da alma”. In: *Sämtliche Schriften*. S. Spielrein (1923), “Quelques analogies entre la pensée de l’enfant celle de l’aphasique et la pensée subconsciente” (Algumas analogias entre o pensamento da criança, com o dos afásicos e com o pensamento subconsciente). In: *Sämtliche Schriften*.

30 J. Kerr, *Um método muito perigoso*, p. 525.

31 Administrado pelo Comitê Secreto.

»
*a importância e o pioneirismo
dos três artigos de Spielrein entre
1922 e 1923 se traduzem pela
colaboração que ela traz da linguística
nascente para a psicanálise*

infantis Mamã e Papai. Em 1922, Piaget apresentou seu trabalho *O pensamento simbólico e o pensamento da criança* no VII Congresso Psicanalítico Internacional de Berlim, baseado em observações da filha de Sabina Spielrein. Nesse congresso, o segundo e último que ela frequentou, apresentou um trabalho sobre a gênese da noção de tempo na criança. Jean Piaget e Sabina Spielrein desenvolveram um trabalho conjunto sobre as origens do pensamento e da linguagem com muitas convergências, embora tenham seguido mais tarde objetivos diferentes. A importância e o pioneirismo dos três artigos de Spielrein entre 1922 e 1923²⁹ se traduzem pela colaboração que ela traz da linguística nascente para a psicanálise, fazendo surgir uma teoria sobre a origem psíquica da linguagem e da constituição do primeiro objeto.

A sociedade psicanalítica local chamava-se Grupo Psicanalítico de Genebra. Estava aberta a todos que a procurassem e nunca se fez qualquer tentativa de vê-la aceita pela Associação Internacional de Psicanálise³⁰. Mas, dentro dessa sociedade informal, havia um grupo que desejava se tornar parte da IPA enquanto grupo de Genebra. Spielrein agregou-se a esse grupo. Parece que a estada de Spielrein contava com o financiamento de um fundo secreto³¹ que visava mesmo a que o grupo local pertencesse à Sociedade Suíça. Fosse pelo clima político da época, fosse pelo fato de ela não ter o temperamento apropriado para a função, o fato é que, durante a sua permanência, o grupo se dividiu após uma derradeira reunião e ela escreveu a Freud para pedir sua imediata intervenção. Freud respondeu-lhe escrevendo que ela tomara a coisa muito a peito e que considerava



há três interpretações errôneas da vida e obra de Sabina Spielrein entre os que escreveram sobre ela que não contribuem para reabilitá-la do esquecimento

muito espinhosa uma intervenção dele, proposta que ela sustentou vigorosamente. Podemos conjecturar como seria possível, psiquicamente, a Sabina Spielrein desempenhar a missão política que lhe fora confiada, unificar a Sociedade Suíça de Psicanálise em sua filiação à IPA³², num momento em que ela havia recém-terminado sua transferência a Jung? Certamente, nesse ponto a intensa ambivalência de Sabina somou-se ao desejo freudiano de que ela finalmente pusesse para fora o ódio a Jung para resolver essa ambivalência, numa infrutífera tentativa de transformá-la numa profetisa política dogmática da psicanálise, coisa que parece que não era compatível com o seu temperamento, nem com sua possibilidade psíquica naquele momento.

Em 1923, aos trinta e nove anos, Sabina partiu de Berlim para a recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Sendo russa, judia e com enorme prestígio intelectual, recebeu tratamento de eminência pelo Partido através de Trotski. Foi convidada a dirigir o jardim de infância psicanalítico, ou Casa Branca, oficialmente denominada de Lar Experimental para Crianças. Foi-lhe assegurada uma cátedra na Universidade de Moscou, no Departamento de Psicologia da Criança. Desde o primeiro momento, Sabina se incorpora à vida cultural de Moscou. Ela fundou, juntamente com Dimitrievitch Ermakov e Moshe Wulff, a primeira Sociedade Psicanalítica na Rússia, a associação psicanalítica mais numerosa de sua época. Influenciou definitivamente Vygotsky e Alexander Luria. Por algum tempo, Luria atuou como secretário do Instituto e seus relatórios periódicos no *International Journal of Psychoanalysis* dão conta da participação de Spielrein numa ampla gama de atividades como

ensino, por meio de conferências e seminários; seu seminário de análise infantil é o curso mais concorrido, com trinta participantes. Atua como psicanalista didática num plano de treinamento que elaborou em conjunto com Ermakov e Wulff no Instituto Psicanalítico de Moscou, e trabalha na clínica para crianças. Papéis recentemente descobertos indicam que ela ocupava três postos: como colaboradora científica no instituto psicanalítico estatal, como consultora médica pedagógica da Terceira Internacional (numa vila de crianças) e como diretora do Departamento de Psicologia Infantil (pedologia) da Primeira Universidade de Moscou.

Com a morte de Lênin e o endurecimento do regime, que levaria ao exílio de Trotski, o grande apoiador da psicanálise, e que trouxe a supressão da liberdade de associação e a stalinização do sistema soviético, o movimento psicanalítico russo se extinguiu progressivamente, embora um punhado de clandestinos a tenham praticado ainda até 1936. Sabina Spielrein voltou para sua cidade natal, Rostov sobre o Don, em 1924, reencontrando seu marido e dando à luz sua filha Eva. Oficialmente exercia funções de clínica geral, mas, na verdade, sob a capa da pedologia, tratava de crianças delinquentes e problemáticas pela psicanálise, o que fez, enquanto ainda exercia a medicina, até meados dos anos 1930, quando se tornou professora de música em um Jardim de Infância, como outras dezenas de psicanalistas que tiveram que achar outra ocupação para sobreviver. Em 1929, já não pôde mais sair da URSS. Seu nome apareceu pela última vez na lista de membros da Sociedade Russa, em 1936. Os dois irmãos de Sabina e outros familiares seus sucumbiram em 1937 ao Gulag³³. Em 27 de julho de 1942, as tropas de Hitler ocuparam Rostov sobre o Don. Há várias versões para o fim trágico de Sabina Spielrein. O fato é que ela e suas duas filhas foram assassinadas pelos soldados nazistas.

Há três interpretações errôneas da vida e obra de Sabina Spielrein entre os que escreveram sobre ela que não contribuem para reabilitá-la do esquecimento: os seus diagnósticos como psicótica e masoquista incurável e a ênfase no período em que foi amante de Jung como se fosse a única

notoriedade que teve. Uma mulher que no início do século xx concordou em ser o caso padrão de psicanálise na Clínica Burghölzli, frequentou a Universidade de Medicina, defendeu uma tese pioneira, interpretou de maneira inédita os fenômenos de amor, destruição e sublimação e origem da linguagem de forma a influenciar o pensamento teórico de Freud, Jung, Luria, Vygotsky e Piaget, homens com quem conviveu, foi pioneira em análise de crianças, foi pioneira em unir a psicanálise à linguística, escreveu cerca de 30 artigos, casou, teve duas filhas, foi psicanalista, conferencista, cirurgiã, médica e, além de tudo, compositora e música, não pode ser considerada nem louca e nem masoquista. Pois ela viveu intensamente tudo o que tinha que viver e dedicou-se inteiramente à psicanálise e a todos aqueles que amou.

Hermine von Hug-Hellmuth (1871-1924)³⁴

A vida e a obra desta pioneira da psicanálise de crianças passaram despercebidas por mais de cinquenta anos. Ela nasceu de uma família nobre e católica, antisemita e que se arruinou financeiramente. Sua infância foi marcada por intensa e violenta rivalidade com a meia-irmã mais velha, filha de uma relação ilegítima. Foi admitida na Universidade de Viena, em 1904. Neste ano sua irmã tem um filho também ilegítimamente, repetindo a história de seu pai, o que muito a alarmou e iria mudar sua vida. O outro evento que governou sua vida foi o encontro com Isidor Sadger, seu médico de família, em 1907. Rapidamente ela começou uma análise com ele, que durou três anos. Interessou-se de tal forma pelos textos de Freud

entre 1910 e 1912, Hermine von Hug-Hellmuth foi aos poucos se retirando do ensino secundário no qual estava trabalhando havia vinte anos

que decidiu ser psicanalista. Em 1909, apresenta uma tese sobre radioatividade “Pesquisas sobre as propriedades físicas e químicas dos depósitos radioativos nos polos positivo e negativo”, só que na faculdade de filosofia, fascinada pela personalidade de Marie Curie com seu feminismo simbólico. Seu gosto pela pesquisa levou-a a um novo campo, a psicanálise. Entre 1910 e 1912, ela foi aos poucos se retirando do ensino secundário no qual estava trabalhando havia 20 anos. Ela se tornaria depois muito ligada a Sadger, seu único amigo por ocasião de sua morte. Com este analista tão conservador e pejorativo em relação às mulheres, como vimos na sua posição contra a entrada de mulheres nas sociedades de psicanálise, entende-se quando os pesquisadores de sua vida apontem que ela teve a sua patologia acentuada com a análise: dogmatismo, rigidez e sentimento de perseguição. Tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1913, após a ruptura com Jung, e foi-lhe confiada por Freud a seção dedicada à psicanálise de crianças, campo no qual decidiu começar a clinicar, na revista *Imago*. Fascinados por essa doutora que era de uma ortodoxia sem falhas, Freud e seus fiéis não viram que seus artigos provinham de uma análise de seu sobrinho, na qual aplicava as teses do mestre. No entanto, outros pesquisadores dizem não haver nenhum vínculo afetivo entre ela e este sobrinho, cuja mãe morreu quando ele tinha nove anos. Aos onze anos seu guardião também morre e ele é confiado a Tausk, que também morre, e depois a Sadger. Todos os seus tutores notam uma tendência para delinquência e uma resistência a todos os tratamentos e medidas educativas. Sobrinho que acabou matando-a por estrangulamento, não pre-

32 O relatório da Sociedade Suíça de Psicanálise sobre o ano de 1923 ao *Int. J. of Psychoanalysis* de 1924 aponta que não houve nenhum encontro naquele ano.

33 Gulag (“Direção Principal dos Campos de Trabalho Corretivo”) era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos e presos políticos da U.R.S.S., à semelhança dos campos nazistas. Esse sistema funcionou de 1918 a 1956. Foram aprisionadas milhões de pessoas, muitas delas vítimas das perseguições de Stálin. O gulag tornou-se um símbolo da repressão da ditadura de Stálin.

34 E. Roudinesco, M. Plon, *op. cit.*, p. 357-358 e C. Geissmann, *A history of child psychoanalysis*.





foi no campo da psicanálise e da educação que Tatiana Rosenthal se sobressaiu, de início, em 1910, como diretora da Clínica de Tratamento das psiconeuroses

meditadamente, mas para silenciá-la, após tentar roubá-la, talvez numa reação ao sufocamento de que fora vítima por ter sido cobaia psicanalítica. A comunidade psicanalítica foi atingida por esse escândalo. Como Hug-Hellmuth havia dito que seu sobrinho não era uma criança normal, mas havia nascido criminoso, com tendências sádicas e manifestações sexuais precoces, Adler e Stern aproveitaram a ocasião para condenar a psicanálise por não levar em conta os fatores sociais e determinar tão fatalisticamente o destino das crianças nos cinco primeiros anos. Parece que logo depois, em 1925 ainda, um artigo foi publicado por encomenda de Freud, destacando a obra da psicanalista morta sem entrar em sua vida pessoal.

Seu livro mais famoso, o *Diário de uma adolescente de onze a catorze anos*, apresentado em 1919 e foi construído a partir de efetivas lembranças infantis de Hermine. Revelou-se uma fraude, apesar de seu sucesso e de um prefácio elogioso de Freud, que, após 1923, depois de uma denúncia de um membro da Sociedade Psicanalítica Britânica, retirou-o de circulação.

Ao sair da prisão, em 1930, o sobrinho Rolf pediu dinheiro a psicanalistas vienenses em seu desejo de ser indenizado por ter servido de material humano para as experiências psicanalíticas. Foi indicado para análise com Helene Deutsch, que recusou.

Por todas essas situações embaraçosas, Hermine Hug-Hellmuth também foi banida por muito tempo da história da psicanálise. O caso do assassinato e o do falso diário foram apagados dos anais do movimento freudiano, de tal forma que até recentemente acreditava-se que o diário falso e o assassinato eram mentiras inventadas pelos ini-

migos de Freud. No entanto, ela mesma pediu a Anna Freud, pouco antes de morrer, que nenhuma notícia sobre sua vida ou sua obra aparecesse em qualquer lugar, nem mesmo nos periódicos de psicanálise. Bernfeld escreveu esse desejo no obituário que fez no *International Journal of Psychoanalysis* após sua morte. Friedjung escreveu um obituário no *Zentralblatt für Psychoanalyse* apontando o pioneirismo de Hug-Hellmuth em ser a primeira a comprovar as teorias de Freud sobre o caráter da criança e suas qualidades, lamentando a morte precoce. A filha de Freud recomendou que respeitassem seu desejo antes de morrer a alguns biógrafos, os quais não seguiram seu conselho.

Tatiana Rosenthal (1884-1921)³⁵

Nascida em São Petersburgo de uma família judia, engajou-se em 1905 pelo combate pelo movimento operário, como presidente das Associações dos estudantes de Moscou. Foi a Zurique em 1906, onde descobriu as teorias freudianas e obteve o título de doutora em psiquiatria, em 1911. Ela provavelmente era amiga de Sabina Spielrein, pois frequentaram a faculdade ao mesmo tempo e tinham a mesma idade. No diário de Spielrein há uma referência a uma amiga judia que estava cansada da vida. Ao voltar a São Petersburgo, dedicou-se à implantação da psicanálise na Rússia. Em 1911/12, seu nome foi incluído como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena e sua curta estadia em Viena deixou registro nas Minutas. Foi no campo da psicanálise e da educação que se sobressaiu, inicialmente, em 1919, como diretora da Clínica de Tratamento das psiconeuroses, no Instituto de Pesquisas sobre Patologia Cerebral dirigido pelo psiquiatra Vladimir Bekterev, que se destacava naqueles dias no campo da neurologia e psicologia russas. Mesmo tendo muitas reservas em relação à psicanálise, isso não o impediu de confiar em Rosenthal e apreciar seu trabalho com crianças neuróticas. Em 1919, ela deu uma série de conferências sobre psicanálise nesse instituto. Em 1920, ela dirigiu o Centro para crianças psíquica-

mente debilitadas, ligado ao Ministério da Educação, o que representou um esforço bem-sucedido dela em acordar a opinião da classe médica para a importância da psicanálise para a compreensão das desordens mentais das crianças. Teve a ideia do Lar Experimental para Crianças, que seria fundado por Vera Schmidt e foi a primeira, em 1920, sete anos antes de Freud, que não a citaria em seu trabalho sobre o tema, a estudar a obra de Dostoiévski do ponto de vista psicanalítico. Depois de seu suicídio em 1921, aos trinta e seis anos, envolto em mistério e explicado por questões históricas e políticas por seus biógrafos, já que atingiu tudo o que desejou, inclusive um filho, houve estranhas omissões ao trabalho de Rosenthal tanto no plano das associações educacionais como nos relatórios de Luria da Sociedade Psicanalítica de Moscou de 1925. Somente dois artigos seus foram publicados, um na *Zentralblatt für Psychoanalyse*, em 1911, “Karin Michaelis: ‘Das gefährliche Alter’ im Lichte der Psychoanalyse” e “Sofrimento e criação em Dostoiévski, análise psicogenética”, numa revista russa quase desconhecida.

Vera Schmidt (1889-1937)³⁶

Vera Schmidt foi uma pioneira da psicanálise na Rússia e uma das grandes figuras do freudomarxismo. Por iniciativa de Tatiana Rosenthal e com o apoio de seu marido Oskar Schmidt e de Ivan Ermakov, criou em Moscou, em agosto de 1921, o Lar Experimental para Crianças. Nesse projeto educativo de ótica psicanalítica, levava-se em conta o fenômeno transferencial no relacionamento entre as crianças e os educadores e tentava se instaurar uma relação mais baseada na confiança e na afetividade do que na autoridade. Cerca de 30 crianças, filhas de dirigentes e funcionários do Partido Comunista, foram acolhidas aí, a fim de serem educadas segundo métodos que combinavam os princípios do marxismo e da psicanálise. Acre-

35 S. Neidisch, “Dr. Tatiana Rosenthal”, p. 384-385. <<http://web.tiscali.it/tatianarosenthal/>>

36 E. Roudinesco, M. Plon, *op. cit.*, p. 689-690.

»
Vera Schmidt foi uma pioneira da psicanálise na Rússia e uma das grandes figuras do freudomarxismo

ditava-se que o filho de Stálin aí tenha estudado. A experiência do lar tinha como quadro de treinamento um Instituto de Psicanálise, que assumiu o nome de Solidariedade Internacional, fundado junto com a Associação Psicanalítica de Pesquisas sobre Criação Psicanalítica. O sistema de educação tradicional fundado nos maus-tratos e nas punições corporais foi abolido e o ideal da família patriarcal severamente criticado, em proveito de valores educativos que privilegiavam o coletivo. As demonstrações afetivas, beijos e carícias, foram substituídas por relações ditas “racionais”, as crianças tinham uma educação leiga e eram autorizadas a satisfazer a sua curiosidade sexual. Os educadores eram convidados a não reprimir a masturbação e a instaurar com as crianças relações iguais. O programa previa que todos deviam ser analisados. O ideal pedagógico preconizado era a manifestação viva do espírito novo dos anos 1920, em que se concretizava, depois da Revolução de Outubro, o sonho de uma fusão possível entre a liberdade individual e a liberação social: uma verdadeira utopia pedagógica ou pedologia, como passou a ser chamada, que combinava paixão freudiana e ideal marxista. A experiência chegou ao fim em condições complexas, que serão apontadas na terceira parte deste trabalho. Em novembro de 1924, o casal Schmidt encerra as atividades do Lar e, em 1925, o Instituto Solidariedade Internacional foi oficialmente liquidado.

Vera Schmidt foi psicanalista de adultos e crianças em Moscou, até depois de 1930, quando a situação do movimento psicanalítico ficou difícil na U.R.S.S. Em 1927 representou sua associação no Congresso da IPA em Innsbruck. Ela morreu de pneumonia.



Eugénie Sokolnicka foi pioneira da psicanálise de crianças, tendo publicado, em 1920, o artigo “A análise de um caso de neurose obsessiva infantil”

Eugénie Sokolnicka (1884-1934)³⁷

Nasceu em Varsóvia de uma família abastada e liberal. Foi para Paris na idade de 20 anos, onde obteve uma licenciatura em Ciências, na Sorbonne, e assistiu a aulas de Pierre Janet no Collège de France. Em 1911 orientou-se para a psiquiatria dinâmica e foi para a Clínica Burghölzli, onde seguiu os cursos de Jung. Em 1913, no momento da ruptura entre Freud e Jung, escolheu a via freudiana e analisou-se com Freud por um ano, participando das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em 1914, a conselho dele, instalou-se em Munique, onde não havia círculo freudiano. Com a guerra, regressou à Polônia e depois, em 1916, foi a Zurique. Ela se tornou membro da Sociedade Psicanalítica de Zurique e foi também eleita para a Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1916. Estabeleceu-se em Varsóvia, em 1918, com a firme intenção de formar ali uma sociedade psicanalítica, o que não conseguiu. Em Budapeste, retomou seu tratamento com Ferenczi, o qual mostrou um talento clínico excepcional para lidar com seus distúrbios paranoídes e erotomaníacos. Ela sofria de depressão e de tendência ao suicídio, como se capta da correspondência entre Ferenczi e Freud. Em setembro de 1920, tomou parte do Sexto Congresso Internacional, em Haia, apresentando a conferência “Diagnóstico e sintomas das neuroses à luz das doutrinas psicanalíticas”. Apoiada por Freud e Ferenczi, realizou o desejo de voltar a Paris. Freud não a apreciava, mas apoiou-a até encontrar Marie Bonaparte. Foi pioneira da psicanálise de crianças, tendo publicado o artigo “A análise de um caso de neurose obsessiva infantil” na *Inter-*

nationale ärztliche Zeitschrift für Psychoanalyse, em 1920, um dos primeiros exemplos de uma análise de crianças sendo conduzida em condições similares à dos adultos. A história desse caso seria comentada tanto pela escola inglesa como na França, onde seria traduzida pela primeira vez em 1968. Foi membro fundador da Sociedade Psicanalítica de Paris, mas foi principalmente nos meios literários que propiciou a implantação das teses freudianas na França, tendo sido analista de Gide e acolhida com entusiasmo pelos escritores da *Nouvelle Revue Française*, desde sua chegada em 1921. Ela encontrou jovens psiquiatras como René Laforgue ou seu amigo Édouard Pichon, que fizeram análise didática com ela; o primeiro, por poucos meses, e o segundo, por três anos. Trabalhou no Hospital Saint Anne, mas foi logo marginalizada por não ser médica. Falhou em se tornar líder do movimento psicanalítico francês, abandonando esta posição para Laforgue e Marie Bonaparte, apesar do apoio de Freud, que a deixou de lado a favor de Laforgue, a quem escreveu, em 1924, que apesar de conhecer Sokolnicka havia muito tempo, não a via como sua representante legítima. Foi eleita vice-presidente na fundação da Sociedade Psicanalítica de Paris, em 1926. Em 1929, na IV Conferência de Psicanalistas de língua francesa, apresenta o trabalho “Alguns problemas da técnica psicanalítica”. Marginalizada pela SPP e tendo poucos clientes, ela havia sido convidada e anunciada para falar nesta associação em maio de 1934, sobre psicanálise do caráter. Mas, antes disso, suicidou-se, abrindo o gás na casa emprestada por Édouard Pichon, onde morava.

Sophie Morgenstern (1875-1940)³⁸

Nascida na Polônia, ela foi, ao lado de Sokolnicka, a primeira psicanalista de crianças na França, tendo sido analisada por esta. Ela começou seus estudos em medicina em Zurique, em 1906. Médica voluntária na Clínica Burghölzli, junto a Bleuler, conheceu Eugène Minkowski, em

1915, que reencontrou em Paris, em 1924. Este foi introdutor da fenomenologia no saber psiquiátrico francês e fundador do grupo Evolução Psiquiátrica, do qual ela foi membro, bem como da Sociedade Psicanalítica de Paris. Em 1925, Morgenstern tornou-se trabalhadora voluntária na clínica infantil e neuropsiquiátrica dirigida por Georges Heuyer, por quinze anos. Ela desenvolveu teses sobre o desenho, o brinquedo e a relação das crianças com os pais na linhagem do ensino de Anna Freud. Em 1937, publicou *Psicanálise infantil, simbolismo e o valor clínico das criações imaginativas da criança*, que dedicou à sua filha, morta depois de uma cirurgia. Nunca tendo se recuperado dessa perda, como outros judeus imigrantes, decidiu suicidar-se no dia da chegada dos nazistas em Paris. Publicou quinze artigos. Suas contribuições para a *Revue française de psychanalyse* e *L'Évolution psychiatrique* refletem o fato de que seus pares reconhecem a importância de seu trabalho. Françoise Dolto foi sua mais ilustre aluna e amiga e a considerava sua inspiradora. Caiu num esquecimento injustificado. Seus artigos “Um caso de mutismo psicogênico”, de 1927, e “Alguns *insights* na expressão da culpa nos sonhos infantis”, de 1933, estão sendo relidos sob a luz da pesquisa recente inspirada nos trabalhos originais em psicanálise da criança.

Para concluir

A morte trágica da maioria das pioneiras da psicanálise aponta para a reflexão das forças históricas que atuaram no esquecimento de suas pessoas e obras. Elas se relacionam àquilo que é marca simbólica da sua corporeidade como mulheres, russas, vienenses e judias e aos seus fantasmas pessoais. Também se relacionam às forças instituintes coletivas do movimento psicanalítico em seus primórdios que iam determinando os

37 E. Roudinesco, M. Plon, *op. cit.*, p. 721 e <www.answers.com/topic/sokolnicka-kutner-eug-nie>

38 E. Roudinesco, M. Plon, *op. cit.*, p. 524 e <www.answers.com/topic/morgenstern-kabatschnik-sophie>

»
a morte trágica da maioria das pioneiras da psicanálise aponta para a reflexão das forças históricas que atuaram no esquecimento de suas pessoas e obras

rumos dos ideais do novo campo de saber, o que também era perpassado não só pelas práticas psicanalíticas nascentes, mas pela política institucional e pela política da teoria nascente, junto com elas. Assim, as forças históricas que atuaram no esquecimento da pessoa e obra dessas psicanalistas são forças políticas gerais, que fizeram intersecção com forças políticas institucionais específicas e com forças políticas culturais. As problemáticas da política da teoria, da política institucional nos vinte e cinco primeiros anos do movimento psicanalítico, a constituição do imaginário misógino no final do séc. XIX e início do XX e a problemática da bissexualidade em psicanálise, a política das Grandes Guerras, o stalinismo, o nazismo, constituíram algumas forças políticas, históricas e culturais que atravessaram a corporeidade dessas psicanalistas e que compõem camadas de compreensão da repressão ou supressão que está na base do processo de sua marginalização histórica.

No plano institucional, constata-se que as mortes trágicas por excesso psicanalítico com familiares ou marginalização no interior das sociedades psicanalíticas, as relações amorosas entre analista e paciente, as resistências e polêmicas em torno da psicanálise da criança entravam em conflito com as novas regras e proibições instituídas oficialmente para a realização de um tratamento psicanalítico, a partir de 1925. Talvez isso fez com que houvesse um processo silencioso de não registro e apagamento dessas histórias dentre outras dos primórdios da psicanálise.

No plano conceitual, podemos apontar uma relação entre a denegação do feminino no início da história da psicanálise e a construção da cen-



*a função da centralidade
do pai em psicanálise, decorre,
segundo Le Guen,
do próprio complexo paterno
de Freud*

tralidade do complexo de castração, com o plano cultural da misoginia do final do século XIX. Após as rupturas sucessivas com Adler, Stekel e Jung, e durante o processo de elaboração dessas rupturas, Freud escreve quase simultaneamente os artigos que se tornarão seu legado sobre a técnica da psicanálise (1912-1914), *Tótem e tabu* (1913) e, logo após, *A história do movimento psicanalítico* (1914). Essas três etapas quase simultâneas re-fundam propriamente o movimento institucional psicanalítico centralizado em Freud como a figura de pai fundador da psicanálise. O fato de a mulher ser apenas a justificativa inicial da elaboração do mito do assassinato do pai primitivo e a centralidade que esse mito ocupa no corpo conceitual psicanalítico apontam para as ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas, num tempo em que as mulheres apenas começavam a ter um estatuto de humanidade e cidadania para além de seus lugares de esposas, mães e frequentadoras de igreja.

A função da centralidade do pai em psicanálise, em relação a Freud centralizador que mantém um corpus teórico-clínico-metodológico, decorre, segundo Le Guen³⁹, do próprio complexo paterno de Freud. O autor se debruça sobre a convicção inquebrantável de Freud na realidade da morte do pai original e a imutabilidade do tema que, elaborado em *Tótem e tabu*, foi retomado em vários escritos (*Psicologia das massas e análise do eu*, 1921; *O futuro de uma ilusão*, 1927, *Mal-estar na civilização*, 1930 e *Moisés e o monoteísmo*, 1937) e vai se tornando progressivamente uma certeza. A morte do pai original vai se organizar em espetáculo. Tragédia pré-histórica de-

composta em atos: a posse das mulheres pelo pai, a rejeição dos primogênitos e a escolha do caçula, o complô e a revolta dos irmãos, o assassinato do pai e sua devoração, a rivalidade fraterna, a elaboração das regras sociais e morais, a deificação do pai e a apoteose da comida totêmica. *Não há verdadeiro papel feminino e a mulher só aparece como justificativa inicial da ação.*

Também nos artigos sobre técnica, a transferência foi inicialmente entendida como apaixonamento da paciente mulher pelo analista homem, uma vez que, nos dias pioneiros da psicanálise, Breuer, Freud e outros viviam a experiência de súbitas declarações de amor de suas pacientes. Os casos relatados por Freud até 1905 eram de mulheres vítimas da estrita moralidade sexual que expressavam nos seus sintomas histéricos uma vida sexual desejada, mas reprimida. Na maioria das vezes, Freud levava isso em conta, mas em outras, compartilhava das angústias e fantasias de desejo dos homens de sua época em relação à sexualidade feminina e que eram expressas nos trabalhos literários de sua época, como os de Maupassant, autor favorito de Freud, Schnitzler, Strindberg, entre outros. As mulheres eram retratadas como perigosas criaturas da pulsão que destroem o mundo masculino da ordem e do intelecto. Podemos lembrar o que Jung escreve a Freud para falar de Sabina Spielrein: “Ela estava, é claro, sistematicamente planejando minha sedução”⁴⁰. Nessa visão das mulheres, os dois homens estão de acordo: Freud identifica o amor sexual da paciente como um lado animal do qual o médico precisa fazê-la desistir pelo trabalho de análise. Na concepção inicial da transferência, o médico é apenas uma vítima da paciente e a contratransferência⁴¹, o amor que também surge no analista, ocorre por influência apenas da paciente nos seus desejos inconscientes. Jung também coloca seu afeto, inicialmente, como mera reação ao apaixonamento de Sabina Spielrein por ele. Podemos lembrar também a frase de Freud a Jung: “a maneira que essas mulheres arranjam para nos atrair com toda a perfeição psíquica, até que atinjam o alvo, é um dos grandes espetáculos da natureza. Uma vez que isso seja feito,

ou o contrário se torne uma certeza, a constelação muda espantosamente”⁴².

Se, no final do século XIX e início do XX, houve o reconhecimento da sexualidade da mulher, ele veio acompanhado de todas as ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas. Há, neste tempo, uma confusão na cultura entre misoginia e ginolatria. Além disso, a eficácia da invenção freudiana em *Totem e tabu* suprime todo o longo e tortuoso percurso de inclusão da bissexualidade no corpo teórico psicanalítico⁴³. A partir de *Totem e tabu*, a formulação genial da centralidade do complexo de castração por Freud dá a resposta sobre como é possível o acesso à ação específica de um corpo no mundo. O complexo de castração é uma questão de percepção do mundo, de estabelecimento de um fora e de um dentro, do acesso à ação intencional do corpo no mundo, por meio do pensamento e da organização de relações abstratas e simbólicas e da percepção do tempo e da sua finitude. Sem ele, ficamos presos na fantasia labiríntica da imortalidade ilimitada, de nossos desejos oniscientes e onipotentes, que, no entanto, têm seu importante papel na constituição da vida psíquica e de seus produtos na cultura humana. Mas essa centralidade veio sendo progressivamente construída, primeiramente pela formulação do conceito de narcisismo e depois pela reviravolta da última teoria pulsional. Nela, que inaugura a década de 20 do século XX, Freud acolhe de várias fontes, onde se destaca, levando em conta este artigo, o ensaio de Spielrein de 1912, aquilo que o leva a formular a sua pulsão de morte e a colocar, na fusão e defusão das pulsões de vida e de morte, o movimento pulsional que origina a possibilidade ou não da vida psíquica. Mas é somente

39 C. Le Guen (Quando o pai tem medo – ou como Freud, resistindo a seu fantasma, instituiu as sociedades psicanalíticas), *Quand le père a peur*, p. 41-50.

40 W. Macguire, *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Jung*, p. 252 (carta de 4/6/1909).

41 Conceito citado por Freud pela primeira vez em carta a Jung, para ajudá-lo a entender a razão de sua relação amorosa com Spielrein.

42 W. Macguire, *op. cit.*, p. 254 (carta de 7/6/1909).

43 J. Kerr, *op. cit.*, p. 80-106.

»
*as psicanalistas
admitidas no movimento
após 1920 encontraram
uma atmosfera de menos
denegação do feminino*

a partir daí que ele pode formular a organização genital infantil e as consequências psíquicas da diferença sexual anatômica, trazendo a angústia de castração em primeiro plano e podendo então pensar a especificidade da sexualidade feminina e da feminilidade. O feminino traz uma realidade além da castração – encoberta pela centralidade desta e pela ênfase na falta percebida do pênis na mulher, transformado no falo abstrato – que é o movimento contínuo do nascer-morrer, a destruição como causa do devir, a transitoriedade como efeito do movimento imanente de transformação perene e afirmativa da vida e a maternidade como criação. É isso que Hilferding e Spielrein trouxeram de novo com suas contribuições, mas que teve que esperar muitos anos para ser incorporado pela teoria freudiana, o que se fez à custa do soterramento histórico da novidade que elas trouxeram, mesmo que sempre houvessem sido valorizadas e reconhecidas por Freud em vida, sobretudo Spielrein.

Podemos cogitar que as psicanalistas admitidas no seio do movimento institucional psicanalítico após os anos 1920, e que nunca foram esquecidas em suas pessoas, obras e atuação no movimento psicanalítico, encontraram um clima propício para se posicionarem diferentemente das ideias de Freud, quando já não havia mais uma atmosfera conceitual e institucional de denegação do feminino, no tempo da assunção da diferença sexual como problemática teórica, o que coincidiu com o tempo da aquisição da igualdade política e social das mulheres aos homens como cidadãos no mundo europeu. Mas esta é uma outra história, que fica para uma próxima vez.

Referências bibliográficas

- Cromberg R. (2008). *O amor que ousa dizer seu nome – Sabina Spielrein, pioneira da Psicanálise*. Tese (doutorado), Ipusp.
- Chinalli M. (2004). O comitê secreto e a política da psicanálise no início do século xx. *Percurso*, Ano XVII, n. 33, São Paulo.
- Freud S. (1973). Analisis profano (Psicanálisis y medicina). In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. III.
- _____. (1973). El porvenir de uma ilusion. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. III.
- _____. (1904/1973). El método psicoanalítico de Freud. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. I.
- _____. (1904/1973). Sobre psicoterapia. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. I.
- _____. (1905/1973). Analisis fragmentario de una histeria (“Caso Dora”). In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. I.
- Geissmann C. (1998). *A history of child psychoanalysis*. Londres: Houtledge.
- Guibault M.; Nobécourt J. (org.) (1981). *Sabina Spielrein entre Freud et Jung*. Paris: Aubier Montaigne.
- Hilferding M. (1991). *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta.
- Jones E. (1979). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kerr J. (1997). *Um método muito perigoso – Jung, Freud e Sabina Spielrein, a história ignorada dos primeiros anos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Le Guen C. (1972). *Quand le père a peur*. Etudes Freudiennes n. 5/6. Paris: Denoel.
- Macguire W. (1993). *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Jung*. Rio de Janeiro: Imago.
- Les Premiers psychanalystes (1979). *Minutes de la Societé Psychanalytique de Vienne, v.III 1910-1911*. Paris: Gallimard.
- Neidisch S. (1921) Dr. Tatiana Rosenthal. Petersburg, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, VII, p. 384-385.
- Dottrin-Orsini, M. (1996). *A mulher que eles chamavam fatal*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pinheiro T. (1991). Comentário sobre *As bases do amor materno*. In: *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta.
- Roudinesco E.; Plon. M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Spielrein S. (1981) La destruction comme forme du devir. In: M. Guibault e J. Nobécourt. *Entre Freud et Jung*. Paris: Aubier Montaigne.
- _____. (1981) La genèse dès mots enfantins Papa et Mama. In: M. Guibault e J. Nobécourt. *Entre Freud et Jung*. Paris: Aubier Montaigne.
- _____. (2002). Quelques analogies entre la pensée de l'enfant celle del'aphasique et la ensée subconsciente. In: *Sämtliche Schriften*, Psychosozial-Verlag (Edition Kore), Giessen.
- _____. (2003). Love, death and transformation. In: C. Covington e B. Wharton, (org.). *Sabina Spielrein, forgotten pioneer of psychoanalysis*. Nova York: Brunner-Routledge.
- Viana H. (1991). Sobre as bases do amor materno. *Vida e obra de Margarethe Hilferding*. In: *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta.
- Vidal F. (2003). Sabina Spielrein, Jean Piaget – going their own ways. In: C. Covington e B. Wharton, (org.). *Sabina Spielrein, forgotten pioneer of psychoanalysis*. Nova York: Brunner-Routledge.

Sites

- <www.answers.com/topic/morgenstern-kabatschnik-sophie>
- <www.answers.com/topic/sokolnicka-kutner-eug-nie>
- <web.tiscali.it/tatianarosenthal>

First women psychoanalysts

Abstract Many women psychoanalysts of the first generation share a similar fate: their contributions were forgotten and kept aside from the mainstream of psychoanalysis for several decades, and rediscovered only in recent years. The paper gives information on their lives and works, suggests some reasons for the silence that covered them until the mid-seventies, and for the growing interest of present-time researchers on what they have to say.

Keywords Sabina Spielrein; Sophie Morgenstern; Hermine von Hug-Hellmuth; Eugénie Sokolnicka; Tatiana Rosenthal; Vera Schmidt; Vienna Psychoanalytic Society; psychoanalysis of children.

Recebido em: 09/2010

Aprovado: 10/2010